

# REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Vol. 2.º

Dezembro de 1954

N.º 2

## EDGARD ROQUETTE-PINTO (1884-1954)

*Fernando de Azevedo*

Foi grande a perda que, em 1954, sofreu a cultura nacional com o falecimento de Roquette-Pinto. Embora já tivesse atingido os setenta anos, estava ainda em plena atividade intelectual: a morte o surpreendeu, batendo, em sua máquina de escrever, um artigo que não chegou a concluir. A longa e dolorosa moléstia que o vinha consumindo, se o obrigou a uma vida mais retraída, por uma espécie de pudor do sofrimento que suportava no silêncio e com serenidade estóica, não lhe quebrou a disposição para o trabalho nem o interesse pelos estudos de sua predileção. Parecia não ter o espírito recebido o forte abalo que sofrera o organismo. De tal modo deixava-se ainda absorver por suas múltiplas ocupações em casa que aos de sua intimidade costumava pedir que "viesses sempre, mas se demorassem pouco"... Teve, pois, o antropólogo brasileiro a fortuna de conservar, sem desfalecimentos, até o últimos dias, as suas nobres e generosas preocupações, numa perfeita fidelidade a si mesmo e ao seu destino, e de morrer em ação, — *in actu mori* na plenitude da claridade e na posse das forças interiores que o impeliram e nortearam, desde a mocidade, como um abridor de caminhos.

Roquette-Pinto foi, antes de tudo, um pioneiro, não só nos domínios da antropologia, a que começou a dedicar-se, ainda estudante, como em outros setores. Não tinha mais que 22 anos, quando publicou o primeiro trabalho "O exercício da medicina entre os índios da América", que constituiu objeto de sua tese de doutoramento. A publicação, em 1902, dos "Sertões", de Euclides da Cunha, de que não sofreu nenhuma influência literária, não devia, porém, ser estranha à inspiração que nele rapidamente amadureceu, de se lançar a êsses horizontes desconhecidos. Tendo iniciado suas pesquisas em viagens etnográficas pelo Rio Grande do Sul, incorporou-se o jovem médico, em 1907, à expedição Rondon, em que foi o primeiro brasileiro que se aventurou a incursões pelo sertão com o objetivo de estudar *in loco* sociedades primitivas, em seus tipos humanos e em suas culturas. Outros, sobretudo naturalistas, embrenhando-se em regiões inóspitas, já haviam feito, ao capricho das circunstâncias e à margem de pesquisas sobre a fauna e flora, observações sobre tribos em que toparam em suas viagens. O que atraía e levava Roquette-Pinto aos sertões, era, porém, o índio. De volta, proferiu na Biblioteca Nacional, em 1913, sua conferência sobre "aborígenes e etnógrafos" e prepara, ordena, elabora todo o material que recolheu, nas suas pesquisas originais sobre tribos indígenas de Mato Gros-

so e publica, em 1916, sob o título "Rondônia" — a obra mais importante que escreveu e logrou, na época, uma grande repercussão.

Saudou-a com entusiasmo Monteiro Lobato, em artigo que apareceu no "O Estado de São Paulo". Não era um especialista que a acolhia com seus aplausos. Mas tinha razão o grande escritor que nela pressentia alguma coisa de novo na paisagem cultural do país. De fato "Rondônia" não punha apenas em foco a obra do notável explorador de uma de cujas expedições, — a que se realizou em 1907, — era uma narrativa tão fiel quanto pitoresca; nem trazia somente novas contribuições geográficas e etnográficas de regiões pouco conhecidas. Ela representava ainda uma reação contra a mentalidade litoral, uma forte guinada, um novo desvio repentino do pensamento brasileiro para o *hinterland*, para as tribos indígenas e a vida dos sertões. Daí, o extraordinário interesse que despertou. Em seu livro *Roquette-Pinto* volta-se para o centro-oeste do país; descreve paisagens naturais e humanas que veio a conhecer; estuda o índio do ponto de vista físico e sob aspectos culturais; expõe as investigações a que procedeu, sobre o tipo antropológico dos parecí, não só por meio de mensurações como também do método do "retrato falado"; apresenta as primeiras fichas datiloscópicas que organizou, dos nhambikuara, e mostra o esforço que desenvolveu, utilizando-se de técnicas novas, como o fonógrafo e o cinema, para apanhar as cantigas dos índios e cenas de suas aldeias.

Essa atração pela natureza e pelo homem americano, essas preocupações com a antropologia, de que fez o principal objeto de seus estudos, deviam marcar toda a carreira de Roquette-Pinto. Se a "Rondônia" é trabalho mais descritivo do que explicativo; se lhe faltou, tanto nessa obra como nos "Ensaio" (1933), rigor científico nos métodos de observação, de análise e interpretação, é certo que em vários pontos transcendeu a meta de seu tempo, na literatura científica do país. Foi com os filmes dos índios nhambikuara, trazidos por ele da Rondônia, que Roquette-Pinto enriqueceu em 1912 a filмотeca inaugurada em 1910, no Museu Nacional, em que se lhe deve também a primeira coleção de fonogramas, com músicas de índios e canções sertanejas. Em 1936, escreve em colaboração "Contribution à l'anatomie comparée des races humaines"; depois de suas pesquisas sobre índios, investiga, de 1928 a 1929, sobre outros tipos humanos da população brasileira e publica "Seixos Rolados" (1927) e os "Ensaio de antropologia brasileira" (1933; 2a. ed., 1935) em que, se fica a meio caminho entre o estudo científico e o ensaio literário, como talvez conviesse a trabalhos de divulgação, submete a exame fatos e doutrinas com aquela sua natural curiosidade e largueza de espírito.

Diretor do Museu Nacional (de 1926 a 1935), inspirou senão planejou as reformas com que, em 1931, se alargaram àquela instituição seus campos de atividade não só no domínio da pesquisa como do ensino, dos conhecimentos e de sua divulgação por todas as formas. A sua concepção moderna de museu levou-o a dilatar o campo de suas atividades.

científicas e a transformá-lo num instrumento eficaz de educação e de cultura. Funda a *Revista de Educação*; organiza, entre outros, cursos de antropologia e etnografia; promove conferências e inaugura exposições, abrindo, por todos os meios, o caminho à difusão cada vez maior dos conhecimentos. O seu objetivo não é, pois, fazer do Museu somente um grande centro de investigações científicas, conforme a tradição que já vinha desde o último quartel do século passado. Contava, para isto, com a colaboração de Alberto Sampaio, na botânica, de Miranda Ribeiro, na zoologia, de Betim Paes Leme, na geologia e paleontologia, de Padberg, de Heloisa Torres e outros que se foram agrupando em torno do grande animador da pesquisa em todos os domínios explorados no Museu Nacional. O que pretende é dar-lhe vida e movimento, é pôr seus recursos, as coleções que acumulou, as atividades que nele se realizam, sua produção a serviço da educação e da cultura.

Não é, porém, somente na antropologia e na reorganização do Museu Nacional que exerceu sua capacidade de iniciativa e cumpriu sua vocação de pioneiro. Funda, em 1923, a Rádio-Sociedade do Rio de Janeiro, — a primeira, de caráter especificamente cultural e educativo, e a segunda que se constituiu no Brasil (pois data de 1919 o Rádio-Clube, de Pernambuco). Pioneiro da rádio-cultura, ergue-se, no plano da cinematografia, como um de seus iniciadores, quer utilizando o cinema no ensino e na pesquisa científica, quer na sua campanha pelo cinema educativo, de cujo Instituto Nacional, criado em 1937, foi organizador e o primeiro de seus diretores. Todos conhecem (pois são fatos muito recentes) a atividade, realmente fecunda, que desenvolveu, para pôr de pé a instituição, imprimir-lhe impulso e erguê-la, através de inúmeras dificuldades, à altura em que a deixou. Roquette-Pinto saudou o rádio e o cinema, desde os seus começos, como uma benção para difundir ensinamentos alcançados pelo homem a todos os recantos do território nacional. Rádio e cinema, — poderosos instrumentos complementares de educação. Magnífico sonho de idealista que ainda não se cumpriu!

Esse homem, saudável e robusto, de belo porte, finamente educado, de rara sensibilidade artística e de grande poder de sedução pessoal, dir-se-ia talhado para a vida social e mundana. Não era, porém, a cidade maravilhosa, em que viveu, nem o mar, com seus convites a viagens pelo estrangeiro, que mais fortemente o solicitava, mas o sertão. Entre as duas atrações, — a da capital, com todos os seus encantos, e a do *hinterland*, com todos os seus mistérios, foi esta que prevaleceu. A viagem na expedição Rondon, em 1907, não é mais que o batismo de uma vocação que madrugara, quando estudante de medicina, e que a indiferença e as hostilidades do meio não permitiram se realizasse inteiramente e em toda a sua fôrça. Sob certos aspectos, pertencia à estirpe, ardente e inquieta, de um Euclides da Cunha que

nos revelou os sertões, de um Miguel Pereira que, da capital do país, viu e apontou êsse "vasto hospital" que era e ainda é o Brasil, ou de um Monteiro Lobato que fixou no tipo caricatural do Jeca-Tatu, o caboclo, esquivo e indolente, abandonado à sua sorte. Todos êles, de formação, temperamentos e tendências diversas, tinham igualmente um sentido mais profundo da vida nacional e procuravam: fazer-se do país uma imagem mais aproximada da realidade, múltipla, complexa e, por isso mesmo, áspera, de que as elites não apanhavam senão os aspectos superficiais.

Foi em 1927 que conheci Roquette-Pinto por intermédio de Francisco Venâncio Filho, a cujas mãos um destino feliz reservou a missão de instituir e sagrar, como num rito religioso, a união dos educadores. A solidariedade que daí por diante nos ligou, se teve uma de suas mais altas expressões, em 1932, na sua adesão calorosa ao "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", de que foi um dos signatários, se manifestara antes por uma forma que, por sua simplicidade, mais vivamente me tocou no coração. Quando, no mesmo ano em que nos conhecemos, me empenhava, como Diretor Geral da Instrução Pública, na procura de um local em que, por sua situação e suas dimensões, pudesse erguer os edifícios da Escola Normal, foi Roquette-Pinto que se ofereceu gentilmente para me ajudar a encontrá-lo. Muitas e muitas noites, depois do trabalho insano de ambos, o ilustre diretor do Museu Nacional, nome já consagrado, vinha buscar-me, guiando seu pequeno e velho Ford, para me acompanhar e bater comigo o Rio de Janeiro em tôdas as direções. As nossas excursões só terminaram quando êle "descobriu" afinal e me indicou os terrenos da Rua Mariz e Barros, onde foram construídos os edifícios do Instituto de Educação. Guardo ainda viva a imagem de sua presença e a lembrança das horas inesquecíveis em que juntos percorremos a cidade, debatendo problemas fundamentais e sonhando com a reconstrução educacional do Brasil. "Tôda criação é comunicação", escreveu Nietzsche. "Aquêles que conhece, aquêles que cria, aquêles que ama, não fazem senão um". Quem com êle privou algum dia, sabe que poucos conheceram, criaram e amaram tão intensamente como Roquette-Pinto.